

INVESTIGAÇÃO E ENSINO EM DESIGN E MÚSICA

Research and Teaching
in Design and Music

Investigación y Enseñanza
en Diseño y Música

DOI: 10.53681/2022.I02/02

ORGANIZATION



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Escola Superior de Artes e Design

RETHINK
Research Group
on Design for the Territory

SPONSORS

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

CASTELO
BRANCO

VILA VELHA
FESTIVAL DME

APEA
Collegium Musicum
Comunidade de Música de Seta
Festival DME
Dia de Música Electroacústica

Interreg
Espanha - Portugal

euromace
EUROPEAN
MACRO-REGIONAL
ASSOCIATION

SUPPORT

Cumulus
Association

COMMON
GROUND

Capítulo 12

DOI: 10.53681/2022.I02/02/12

O CONTRIBUTO DO ENSEMBLE DME PARA O DINAMISMO DA CENA MUSICAL CONTEMPORÂNEA

*The contribution of Ensemble DME to the dynamism of
the contemporary music scene*

RESUMO

O Ensemble DME é um agrupamento musical dedicado à interpretação e difusão de repertório erudito contemporâneo, através do desenvolvimento de concertos, masterclasses, palestras, tertúlias, ensaios abertos e atividades pedagógicas. Este capítulo dá a conhecer o seu percurso histórico, as razões da sua fundação, as atividades que desenvolve, a frequência e os locais onde atua, o repertório que interpreta e a forma como interage com outras entidades. Os dados apresentados advêm da análise de fontes documentais com origem nas atividades desenvolvidas pelo agrupamento entre 2013 e 2021 e de entrevistas semiestruturadas ao diretor artístico e à diretora de produção. Assim, através do estudo do percurso histórico do agrupamento musical, é possível compreender a forma como, em colaboração com outras entidades, este agrupamento contribui para a dinâmica da cena musical contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Ensemble DME, música contemporânea, interpretação musical, difusão musical, século XXI

ABSTRACT

Ensemble DME is a musical group dedicated to the interpretation and diffusion of contemporary art music, through concerts, masterclasses, conferences, gatherings, open rehearsals, and pedagogic activities. This chapter makes known the Ensemble DME's history, the reasons for its foundation, the activities it develops, the frequency and the locations of its performances, the repertory it interprets and how the group interacts with other entities. The results come from the analysis of documentary sources originating in the activities realized between 2013 and 2021, as well as from semi-structured interviews to the artistic director and the executive director of the Ensemble DME. Thus, it is possible how the Ensemble DME contributes to the dynamics of the contemporary musical scene, in collaboration with other entities.

KEYWORDS

Ensemble DME, contemporary music, musical interpretation, musical diffusion, 21st century.

MARIA INÊS PIRES¹

Correspondent Author

ORCID: [0000-0002-8052-0027](https://orcid.org/0000-0002-8052-0027)

¹CESEM / FCSH –
Universidade Nova

Correspondent Author:

Maria Inês Pires
CESEM / FCSH –Universidade
Nova, Av. de Berna 26, Edifício
I&D, 3º, Salas 301 a 303, 1069-
061 Lisboa, Portugal
inespiresax@gmail.com

1. Notas introdutórias

O Ensemble Dias de Música Electroacústica – *Collegium Musicum* Electroacústico (Ensemble DME) surgiu em 2013, no âmbito das atividades do Festival Dias de Música Electroacústica (Festival DME), por iniciativa de Jaime Reis (compositor, fundador e diretor artístico do Festival DME). Desde então, o agrupamento dedica-se ao fomento da música erudita ocidental contemporânea - termo que remete para as linguagens musicais desenvolvidas, após 1945, na Europa e América do Norte.

Em Portugal, foi a partir de 1956 com a criação da Fundação Calouste Gulbenkian (Nery & Castro, 1991) e depois com a revolução de 25 de abril de 1974 (Silva, 2010) que estas linguagens tiveram uma maior expressão. Contudo, sobretudo no início, a produção musical contemporânea enfrentou diversas adversidades como a ausência de uma programação regular (Silva, 2010). Tal pode dever-se à falta de uma política cultural substantiva com objetivos de longo prazo (Telles, 2011), ou investimentos públicos insuficientes e desfasados da rápida transformação da sociedade e seus artistas (Ferreira, 2007). A este contexto, a comunidade de músicos e artistas nacionais respondeu através da formação de agrupamentos musicais dedicados a este repertório específico, de entre os quais o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Grupo de Música Nova, Oficina Musical, ColecViva, Miso Ensemble, Drumming, Remix Ensemble, Lisbon Ensemble 20/21, Síntese, Performa Ensemble, entre outros.

A fim de compreender o papel desempenhado pelos referidos agrupamentos na criação e difusão musicais, o seu funcionamento e as atividades que desenvolvem, tomamos como estudo de caso o Ensemble DME. Metodologicamente, os dados recolhidos de fontes documentais (cartazes, programas de concerto e publicações nas redes sociais geridas pelo agrupamento) são triangulados com os resultados obtidos de entrevistas semiestruturadas com Jaime Reis e Mariana Vieira (diretora de produção do Festival DME). Os resultados apresentados inserem-se numa investigação maior em curso intitulada “Agrupamentos instrumentais dedicados ao repertório musical erudito contemporâneo em Portugal no início do século XXI”, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Primeiramente, é apresentado um breve resumo da história do Festival DME, o qual possibilita contextualizar o surgimento do Ensemble DME. De seguida, são abordadas as atividades que desenvolve, os locais onde atua, as razões da escolha desses locais, a frequência com que desenvolve atividades, o repertório interpretado e é ilustrada a forma como dinamiza a cena musical contemporânea juntamente com outras entidades.

2. Festival DME

A primeira edição do Festival DME decorreu entre 27 e 29 de novembro de 2003, em Cracóvia. Esse evento foi organizado por Jaime Reis e Julia Chmielnik, sob a designação Festival DNI MUZYKI PORTUGALSKIEJ. Posteriormente, o Festival passou a designar-se “Festival Dias de Música Electroacústica”. Entre 2003 e 2006, com o objetivo de proporcionar aos alunos, pais e amigos do Conservatório de Música de Seia – *Collegium Musicum* (CMS) um maior contacto com a música erudita, várias atividades foram organizadas na região. Nelas foram maioritariamente apresentadas obras eletroacústicas, uma vez que a sua interpretação estava a cargo de Jaime Reis. Pontualmente, havia também instrumentistas voluntários a colaborar na interpretação de obras não eletrónicas. Ainda que as atividades incluíssem obras instrumentais, isso explica o uso do termo “Música Electroacústica” no nome do Festival. Posteriormente, pela maior facilidade na pronúncia do nome, passou a designar-se Festival DME.

A edição do Festival que decorreu entre 2 e 4 de Junho de 2006, no CMS, marcou uma expansão do Festival DME. Decorreram conferências, concertos e *workshops* sobre a história da música eletroacústica, espacialização sonora, técnicas de síntese e processamento sonoro, com compositores convidados (André Sier, António Ferreira, António Sousa Dias, Carlos Guedes, Isabel Soveral, João Rafael, João Pedro Oliveira, José Carlos Almeida, José Luís Ferreira, Luís Antunes Pena, Miguel Azguime, Nuno Leal, Pedro Rocha, Rui Dias e Rui Penha) (Festival

DME, nd). A este evento outros Festivais seguiram-se: Portimão, Lagoa e Lagos (2008), Bairrada, Ervedal da Beira e Madrid (2009), Castelo Branco, Covilhã e Coimbra (2010), Brasil (2010, 2011 e 2012), Filipinas (2012), Viseu (2013).

No que concerne à produção do Festival DME, esta esteve a cargo de Reis com a ajuda de diversas pessoas entre elas Joana Guerra que participou como violinista, auxiliou na gestão de plataformas, design de cartazes, e Ricardo Ventura no apoio de secretariado. A criação de uma equipa de produção do Festival DME surge formalmente a partir de 2014, da qual fez parte Sofia Teixeira, Mariana Vieira, Maria Inês Pires, Beatriz Costa, Marta Domingues, Francisco Rosa, Caio Rodrigues e Diogo Costa (Festival DME., n.d.).

O crescimento do Festival DME, o apoio da Associação de Fomento do Ensino Artístico e a concessão de financiamentos por parte da DGARTES possibilitaram o desenvolvimento de atividades em diversos domínios ligados à música contemporânea: residências artísticas, formação e desenvolvimento de públicos, interpretação, programação, edição e criação musical. Estas atividades têm permitido mitigar o desconhecimento sobre a música contemporânea em Portugal, em contextos desprovidos da mesma, especialmente fora dos grandes centros urbanos, contribuir para a criação, interpretação e difusão de novo repertório musical, fomentar os conhecimentos composicionais e interpretativos de obras contemporâneas, e a internacionalização de intérpretes e compositores portugueses ou residentes em Portugal.

3. Ensemble DME

No âmbito do Festival, surgiu um grupo de intérpretes que colaboravam regularmente nas suas atividades, dentre os quais professores do CMS. A apresentação oficial do grupo ocorreu em 2013 sob a designação de Ensemble *Collegium Musicum* Electroacústico, tendo sido assinalada por uma série de concertos com obras de João Pedro Oliveira (entre 8 e 10 de novembro de 2013, no Teatro-Cine de Gouveia e na Casa Municipal das Artes – CMS) (Festival DME., n.d.) e Gerhard Stäbler (dias 20 e 21 de dezembro de 2013, na Casa Municipal das Artes e na Casa da Música) (Festival DME., n.d.), nos quais os compositores participaram.

A constituição do Ensemble não apenas identificou os intérpretes enquanto grupo, como possibilitou outros músicos com interesse no repertório contemporâneo, mas que não tinham tido a oportunidade de o interpretar, poderem participar. Estas características motivaram, segundo Reis, a escolha do repertório de Stäbler, pois era um compositor ligado aos happenings e às obras em forma aberta, as quais contribuíam para a inclusão do conjunto alargado de músicos. Outra razão para a escolha de Stäbler foi o facto de o compositor poder estar presente, possibilitando os músicos trabalhem as obras com o próprio compositor. Em consonância com o facto de, inicialmente, o Ensemble DME ser maioritariamente composto por professores do CMS, o agrupamento tinha a designação de Ensemble *Collegium Musicum* Electroacústico, e posteriormente Ensemble DME - *Collegium Musicum* Electroacústico. Segundo Reis, o subtítulo *Collegium Musicum* foi uma tentativa de que os professores do CMS se sentissem mais ligados ao projeto. À medida que os instrumentistas deixaram de ser maioritariamente professores do CMS, passou a usar-se a terminologia de Ensemble DME.

3.1. Atividades desenvolvidas

Os membros do Ensemble DME participam em várias atividades promovidas pelo Festival, como concertos, atividades pedagógicas, palestras, estágios, edições discográficas, exposições e tertúlias.

A tabela 1 mostra a quantidade de atividades realizadas por tipologia. Os dados apresentados resultam da análise de um total de 52 eventos com 104 atividades. O total de atividades contabilizadas é superior ao número de eventos analisados dado que os eventos podem decorrer ao longo de vários dias, e neles serem realizadas distintas atividades.

Tabela 1.
Quantidade de atividades
realizadas por tipologia.

Tipo de Atividade	
Concerto	66
Masterclass	13
Atividades Pedagógicas	7
Palestra	7
Lançamento do CD	5
Estágio	4
Exposição	1
Tertúlia	1

Na tabela 1 verifica-se que a atividade mais vezes realizada foram os concertos (66). E, a segunda mais realizada as *masterclasses* (13), cuja maioria realizou-se aquando da digressão do Ensemble DME pelo Brasil, entre 20 de março e 8 de abril, que contaram com Ana Telles (piano), Joana Guerra (violino), Jean-Sébastien Béreau (direção), Ludovic Afonso (violino), José Pedro Sousa (violoncelo), e Jaime Reis (eletrónica).

Atente-se que as *masterclasses* são aulas lecionadas por professores especialistas num contexto distinto da sala de aula, onde há público constituído por alunos-colegas entre outros profissionais (Reed & Reed, 2014). Não há uma planificação prévia da aula, os alunos e o professor não se conhecem, e, após o aluno interpretar uma obra ou excerto à sua escolha, o professor aponta aspetos a melhorar (Reed & Reed, 2014).

O facto de os elementos do Ensemble DME estarem ligados ao ensino de música, pode favorecer a sua participação em *masterclasses*. Adicionalmente, também participam em atividades pedagógicas (7), que, contrariamente às *masterclasses*, podem destinar-se a vários públicos e têm uma planificação prévia. Essas atividades pedagógicas decorreram no Mercado Municipal de Nelas (2014), na Escola Profissional de Artes da Beira Interior (2015) e no CMS (2014, 2019), e conectam-se ao objetivo de desenvolvimento de novos públicos do Festival DME, que, desde 2018, desenvolve o projeto “120 anos de Música Electroacústica (para pessoas dos 0 aos 120 anos)” (Festival DME, n.d.).

Uma outra atividade é a realização de palestras (ou conferências). Com feito, as 7 palestras identificadas ocorreram na digressão do agrupamento pelo Brasil, e incluíram títulos como “Relações Musicais Portugal-Brasil (séc. XX-XXI)” (Ana Telles) e “Elementos para uma gramática: ‘Fluxus’, ‘Synthesis’, ‘Omnisciência’” (Jaime Reis).

Nos primeiros anos do Ensemble DME foram organizados estágios ou ensaios abertos. Posteriormente, os ensaios realizados não aparecem publicitados como atividades, razão essa pela qual só foram contabilizados 4. Segundo Reis, a regularidade com a qual o grupo ensaia depende das características do repertório a preparar para os concertos, e tanto pode ser semanal como mais espaçada.

Os elementos dos Ensemble participaram também nas edições discográficas do Festival DME, pelo que foram contabilizados 5 lançamentos de CD. A primeira edição (2017) é dedicada à obra do compositor Mario Mary, nela participaram Carlos Silva (clarinete), Ludovic Afonso (violino), Ana Telles (piano), João Pedro Sousa (violoncelo) e Joana Guerra (violino). Essa edição foi duas vezes apresentada: no Lisboa Incomum e no Auditório do Colégio Mateus d’Aranda (Évora). O segundo CD (2018) intitula-se “On clarinet” e é dedicado à obra de João Pedro Oliveira para clarinete. Nela participaram os solistas Carlos Silva e Aldovino Munguambe (percussão). Também teve 2 lançamentos: em Lisboa (na Semana da Composição 2019 da Escola Superior de Música de Lisboa) e em Seia (na Escola Profissional da Serra da Estrela). A terceira edição, “Fragments de Mémoire” (2019), inclui obras de Christopher Bochmann e Jean-Sébastien Béreau, e nela participaram os solistas Ana Telles e Jaime Reis. A sua difusão, em consequência da situação pandémica, decorreu *online* e inseriu-se no evento “Ensemble DME em casa”, evento no qual decorreu a tertúlia contabilizada na tabela 1. Na quarta edição discográfica do Festival, é possível encontrar

elementos do Ensemble DME (Jaime Reis e Mariana Vieira) na interpretação das partes de eletrónica do CD “VIOLA [UN]PLUGGED” com a violetista convidada Aída-Carmen Soanea, ainda que não tenha sido contabilizado nenhum lançamento.

Por fim, a exposição contabilizada na tabela 1 ocorreu no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, no evento “Em torno de Nunes”, a 12/12/2021, e abordou o percurso artístico do compositor Emmanuel Nunes (1941-2012), assinalando o ano em que compositor completaria 80 anos.

3.2. Locais de atuação

O Ensemble DME tem a sua sede em Seia, contudo as suas atividades vão além das fronteiras dessa região, conforme verificado nas tabelas 2 e 3.

País	
Portugal	70
Brasil	27
Online	5
Bélgica	1
Espanha	1

Tabela 2.
Quantidade de atividades realizadas por país.

País	Localidade	
Bélgica	Gent	1
Brasil	Salvador	5
	Porto Alegre	5
	Belo Horizonte	4
	São Bernardo	3
	Curitiba	3
	São João del-Rei	2
	Nulo	2
	São Paulo	1
	Presidente Prudente	1
	Parnaíba	1
Espanha	Badajoz	1
Online	Online	5
Portugal	Seia	29
	Lisboa	13
	Gouveia	6
	Évora	4
	Castelo Branco	4
	Linda-a-Velha	3
	Porto	3
	Torre Vedras	2
	Aveiro	1
	Covilhã	1
	Nelas	1
	Oliveira do Hospital	1
	Sines	1
	Vila do Conde	1

Tabela 3.
Quantidade de atividades realizadas por localidade.

Entre 2013 e 2021, verificou-se a realização frequente de atividades em Portugal, onde decorreram um total de 70 atividades, das quais a maioria realizou-se em Seia (29) e em Lisboa (13). No Brasil, realizaram-se 27 atividades, todas decorrentes da digressão realizada em 2015. Na Bélgica, houve 1 concerto, a 22 de junho de 2014, na Logos Foundation (Gent). Em Espanha, realizou-se 1 um concerto, “Em torno de Nunes”, que decorreu na Residencia Universitaria de Fundación CB (Badajoz), no qual participaram Mafalda Carvalho (flauta), Carlos Silva, Ludovic Afonso, Hugo Passeira (piano) e Ana Telles.

Como verificado na tabela 3 e confirmado na entrevista a Reis, há um grande trabalho desenvolvido na região de Seia. A escolha de Seia prende-se com a crença de que no interior de Portugal é necessário criar uma oferta musical diversificada. Mas, a escolha dos locais onde se realizam as atividades relaciona-se também com aspetos pragmáticos, como a disponibilização de piano, a possibilidade da sala de concerto (para fazer ensaios e testes com o material eletrónico), ou a colaboração de pessoal técnico no local. Isso leva Reis a destacar a importância das parcerias com a Casa da Música - local com excelentes condições acústicas, equipamentos e recursos humanos. Recorde-se que, em entrevista com Fesch, sobre a conceção do projeto da Casa da Música, Pedro Burmester e António Pacheco destacaram a importância de conceber um projeto sustentável e que proporcionasse meios e equipamentos para melhorar a vida musical em Portugal (Fesch, 2019). Estas afirmações são aqui corroboradas por Reis ao referir a importância que a disponibilização dessas condições tem na execução de projetos musicais.

Outro dado relevante na compreensão dos dados das tabelas 2 e 3 é que, desde 2017, o Festival DME usufrui do espaço Lisboa Incomum tanto para ensaios como para atividades do Ensemble. Desse modo, decorreram 13 das atividades em Lisboa, incluindo as 5 atividades *online* durante o período de confinamento obrigatório em 2020. De acordo com Reis, esse espaço e o material que dispõe foram cruciais para continuar a programação musical durante esse período.

Tal como a atividade do agrupamento não se restringe à região onde tem sede, verificando-se atividades noutras regiões e países, o agrupamento também não atua exclusivamente em salas de concerto ou espaços análogos, apresentando flexibilidade para atuar em salas de aulas, *online* (a partir de casa), ou em espaços abertos.

3.3. Frequência das atividades

Um outro aspeto passível de analisar é a frequência das atividades realizadas por ano, conforme apresentado na tabela 4.

Ano	
2013	11
2014	12
2015	34
2016	10
2017	9
2018	3
2019	11
2020	8
2021	6

Tabela 4.
Quantidade de atividades
realizadas por ano.

No ano 2015, realizou-se a maior quantidade de atividades (34). Opostamente, o ano 2018 é o que apresente menor número de atividades (3).

Esta dispare quantidade de atividades realizadas por ano é explicada por Reis atendendo que o Ensemble DME é parte do Festival DME. Com efeito, o Festival DME não é unitariamente um festival, mas sim o conjunto de cerca de 6 festivais por ano (com *masterclasses*, palestras, *workshops*, 1 concurso “Nano Músicos Electroacústicos”, 1 edição discográfica, encomendas de novas obras musicais, atividades pedagógicas, uma série de concertos na qual se inclui a programação do Ensemble DME). Deste modo, o financiamento disponibilizado para as atividades do Ensemble é condicionado pela distribuição do financiamento total pelas várias atividades do Festival, sendo por isso visíveis diferenças no número de atividades realizadas.

3.4. Repertório

O Festival DME encomenda anualmente novas obras musicais, nas quais se incluem peças acusmáticas, instrumentais ou mistas. No contexto do Ensemble DME, foi contabilizada a estreia de 8 obras. A tabela 5 mostra os nomes dos compositores estreados e respetiva quantidade de obras a eles pertencentes.

Nome do Compositor	
Amílcar Vasques-Dias	1
Cândido Lima	1
Carlos Marecos	1
Jean-Sébastien Béreau	1
João Pedro Oliveira	3
Ludger Brünner	1

Tabela 5.
Nomes dos compositores por
número de obras estradas.

O compositor com mais obras estreadas pelo Ensemble DME foi João Pedro Oliveira (3). E, há apenas uma obra cujo compositor não é português nem residente em Portugal (Ludger Brümmer). A instrumentação das obras estreadas é variável, inclui duos ou solos de violino, piano, fagote, clarinete e flauta com ou sem eletrónica.

De seguida, o gráfico 1 expõe os compositores mais vezes interpretados pelo Ensemble DME. Não tendo sido possível aceder ao repertório de todos os concertos, foram tidos em conta os dados recolhidos em 40 dos 66 concertos realizados, totalizando 194 obras. Atendeu-se a outros critérios na contabilização dos compositores interpretados: no caso do concerto do dia 13 de novembro de 2018, no Teatro-Cine de Gouveia, no qual participaram membros do Ensemble DME (Carlos Silva e Aldovino Munguambe) juntamente com o Duo Sigma, não foram contabilizadas as obras que não envolveram membros do Ensemble DME. O mesmo aplicou-se ao concerto do dia 12 de dezembro de 2019, que contou com intérpretes do Ensemble DME e do Tesseract Ensemble. Algo distinto foi a digressão de Mario Mary e Robert Normandeau realizada entre 19 e 22 de fevereiro de 2019. Como explicou Reis, no Ensemble DME, o responsável pela espacialização da parte eletrónica é entendido como um intérprete. Assim, as obras acusmáticas interpretadas por Mary e Normandeau, na referida digressão, enquanto convidados do Festival DME e enquadrados em atividades do Ensemble DME, transparecem no gráfico 1.

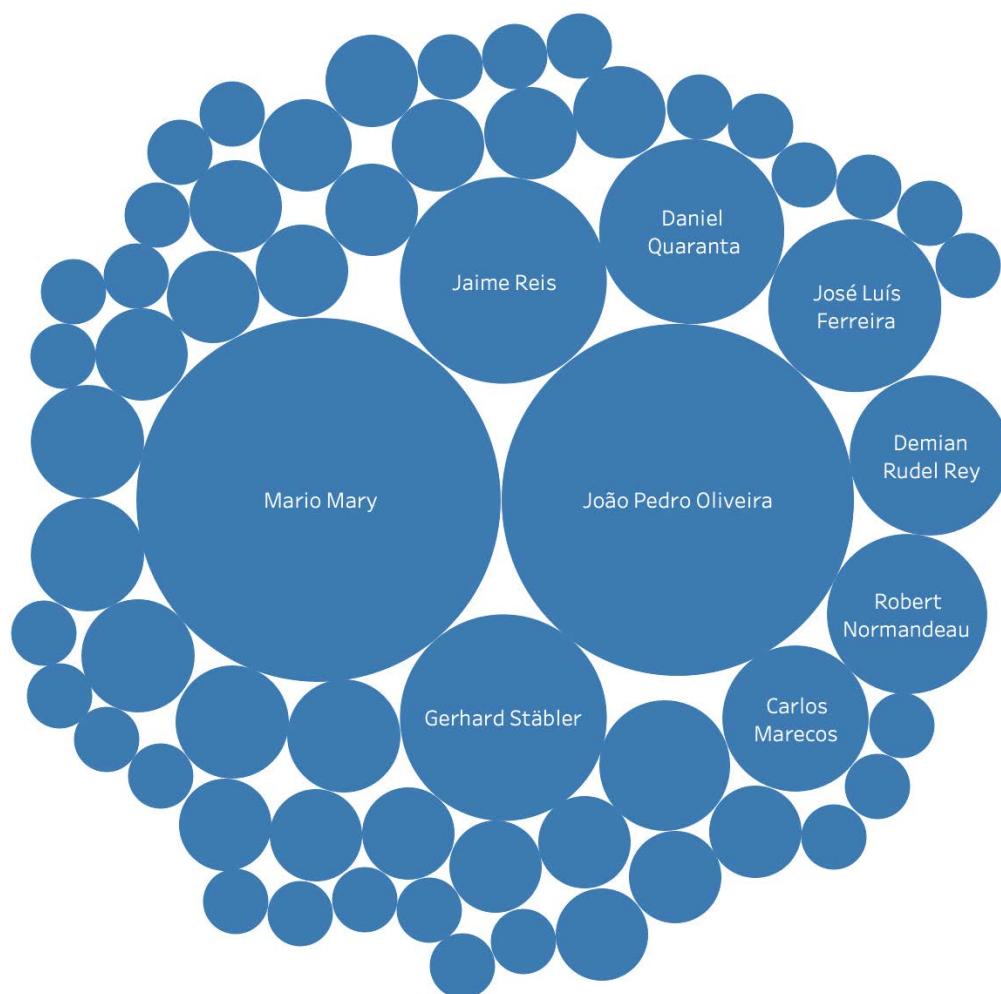


Gráfico 1.
Compositores mais interpretados
pelo Ensemble DME.

Mario Mary e João Pedro Oliveira foram os compositores com maior número de obras interpretadas pelo Ensemble, algo correlacionável às edições discográficas a eles dedicadas. Das 194 obras analisadas, 107 pertencem a compositores estrangeiros, enquanto que 87 são de compositores portugueses ou residentes em Portugal. Ainda que haja nomes de compositores que se destacam por terem sido mais vezes interpretados, há diversos outros que foram interpretados pelo Ensemble DME, mas cujos nomes não transparecem no gráfico. O gráfico apenas contabiliza o número de vezes que o compositor teve uma obra interpretada, não refletindo a sua interpretação em diferentes eventos. Por exemplo, as obras de Stäbler foram apenas interpretadas pelo Ensemble DME em 2013, contudo o número de obras interpretadas nessa altura foi suficientemente significativo para transparecer no gráfico.

Na escolha do repertório, conforme explicado por Reis e Vieira, consideram-se várias linhas orientadoras: dar a conhecer determinado compositor ao público (*e.g.* Mario Mary), incentivar a interpretação de obras desafiantes do ponto de vista dos instrumentistas (*e.g.* *Vortex Temporum* de Gérard Grisey), ou fomentar a criação e circulação de novo repertório. Na conceção destas linhas orientadoras considera-se o Festival DME no seu todo, pressupondo-se uma coerência do repertório do Ensemble DME com a restante programação do Festival. Também há repertório proposto pelos instrumentistas e maestros, não cabendo a escolha do repertório exclusivamente ao diretor artístico. Os programas devem aportar algo de novo e por isso são escolhidos compositores cuja produção artística é menos frequentemente programada, conforme explicado por Reis.

No que respeita à instrumentação das obras, esta é variável, e isso leva a que o grupo possa apresentar-se por meio de um solista, duo, trio ou outra formação. Tome-se como exemplo, o concerto “*Vortex Temporum*, geometrias do inelidível”, realizado no dia 11 de novembro

de 2020, no Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco. Este concerto iniciou-se com uma obra para viola solo de Daniel Moreira, seguiu-se um duo para flauta e clarinete de Elliott Carter, depois uma obra para flauta, clarinete e piano de Jaime Reis, e uma obra de Paulo Ferreira Lopes para flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo e eletrônica. A instrumentação variável do agrupamento não depende exclusivamente da escolha do repertório. Segundo Reis e Vieira, relaciona-se também com aspetos pragmáticos (*e.g.* disponibilidade e transporte de instrumentos de percussão, ou piano). Assim, uma instrumentação variável contribui igualmente para agilizar a realização de atividades em diferentes locais.

Outro aspeto que marca a singularidade deste agrupamento, é a sua dedicação quase exclusiva ao repertório contemporâneo. No gráfico 2, foram contabilizados os anos em que cada obra apresentada foi composta.

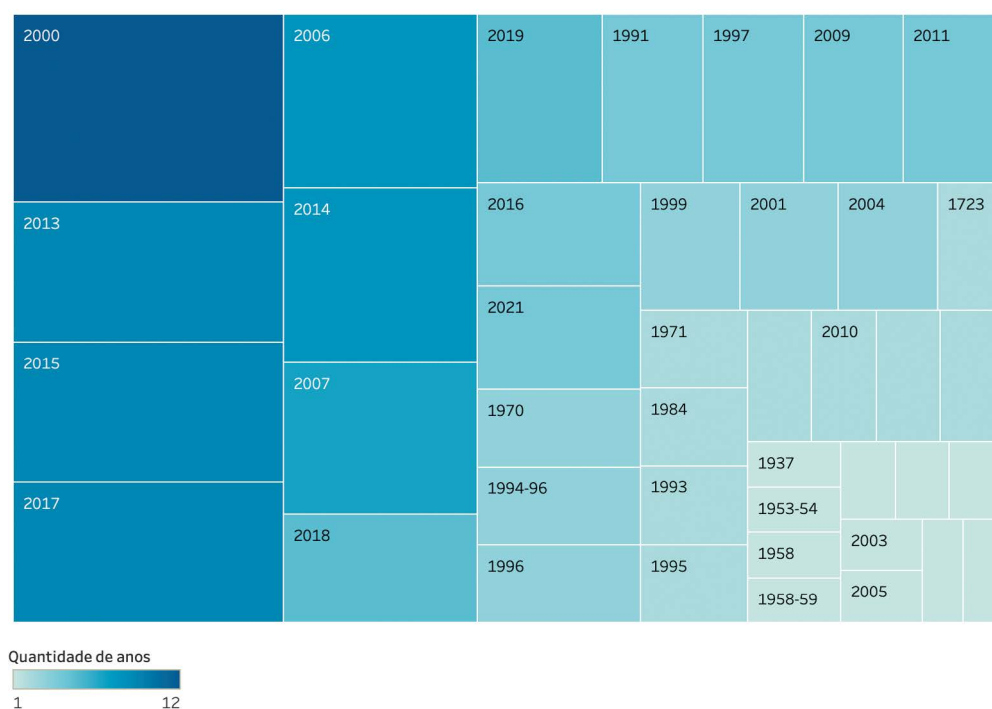


Gráfico 2.
Contagem dos anos em que cada obra apresentada foi composta.

A análise do Gráfico 2 permite entender que a maioria do repertório interpretado tem uma data posterior a 1970. Algo que leva a questionar a adequação e significado da designação “música contemporânea”. Com efeito, o Ensemble DME assume-se como um grupo dedicado ao repertório contemporâneo. E, ainda que não seja objeto de discussão neste capítulo e o termo “música contemporânea” tenha sido assumido, para efeito do presente texto, como referência a obras compostas depois de 1945, outras definições também podem ser tidas em conta: a terminologia pode dizer respeito à música que é contemporânea da sua receção/crítica, à música que surgiu dos movimentos artísticos que possibilitam o entendimento da arte como conceptual (anos 60), ou à música posterior a 1989 (atendendo à sua integração na cultura eletrônica e digital, na globalização e na produção pós-colonial) (Barrett, 2021). A única obra interpretada pelo Ensemble DME que não pertence ao século XX, é “Invenção em fá menor, BWV 780” (1723) de Johann Sebastian Bach. Ela foi interpretada nos concertos “Em torno de Nunes” pela sua relação com a obra *Rubato, registres et résonances* (1991) de Emmanuel Nunes. Reis não se opõe à interpretação de repertório de outras épocas, contudo

explica que há repertório de outras épocas e tradições cuja interpretação e programação são mais frequentes. Deste modo, o contributo do agrupamento incide na diferença e no lugar que é dado à programação de repertórios mais recentes e menos difundidos.

3.5. O Ensemble DME na dinâmica da cena musical

O Ensemble DME dinamiza a cena musical contemporânea interagindo com outras entidades. Na figura 1, são esquematizadas as ligações possíveis de realizar a partir da edição discográfica “Fragments de Mémoire” e que corroboram a afirmação anterior.

O esquema da figura 1 ilustra a forma como a obra “Fragments de Mémoire” foi difundida, expõe os diferentes contextos nos quais as obras musicais (João Pedro Oliveira, Carlos Caires, Christopher Bochmann) foram interpretadas, e os acontecimentos que ocorreram em determinado ano (composição de obras, encomendas, eventos). Adicionalmente, estabelece um esquema visual das relações que o Ensemble DME e seus intérpretes estabelecem com salas de concerto (Museu Nacional da Música, Teatro-Cine Gouveia), editoras musicais (AVA Musical Editions), grupos ou associações que promovem a música contemporânea (Festival DME, Miso Music), e com outros agrupamentos musicais (Sond’Ar-te Electric Ensemble). O CD “Fragments de Mémoire” contém obras de Christopher Bochmann e Jean-Sébastien Bérreau. Por sua vez, a obra “Fragments de Mémoire” de Bérreau, que dá título ao CD, foi encomendada pelo Festival DME e estreada no evento “Festival DME 24 | 12”, por Ana Telles, no Teatro-Cine de Gouveia. Em 2016, essa obra foi editada pela editora AVA e lançada no concerto “Cravos e Veludo”, no Museu Nacional da Música, no qual participaram Mónica Streitová e Ana Telles. Nesse concerto stambém foram interpretadas obras de Joly Braga Santos, Ivan Moody, Jan Dušek e João Pedro Oliveira.

Para assinalar o lançamento do CD, o Festival DME organizou o evento “Ensemble DME em casa” no qual interveio Christopher Bochmann, Ana Telles, Jean-Sébastien Bérreau, Lara Rainho, Luís Gomes, Brigitte Schuermans, Miguel Mesquita da Cunha. E, Mafalda Carvalho interpretou obras de Christopher Bochmann e Carlos Caires.

Ana Telles foi também membro do Sond’Ar-te Electric Ensemble e interveio na edição discográfica “Ana Telles & Electronics” que inclui obras de Miguel Azguime, João Pedro Oliveira, Enríque X. Macías e Carlos Caires.

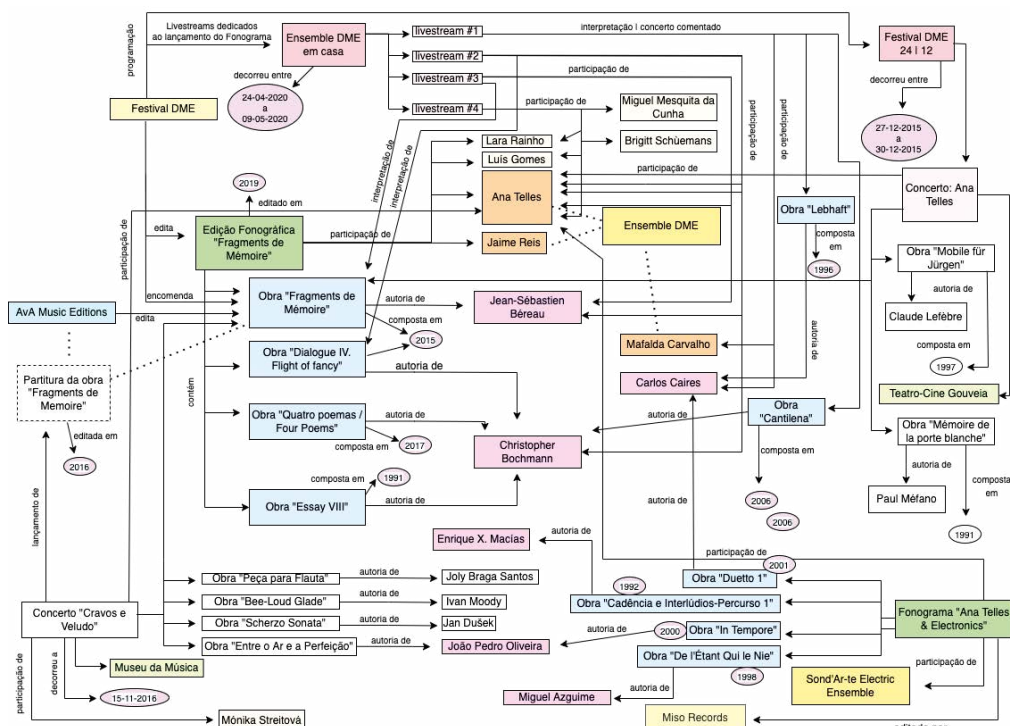


Fig. 1.
Esquema das relações entre os intervenientes na cena musical portuguesa a partir da edição discográfica “Fragments de Mémoire”.

Todas estas afirmações são possíveis de verificar por meio da interpretação de fontes documentais e a sua conexão das informações que contêm expõe um cenário de interação de diferentes entidades. Com efeito, a partir da microanálise das relações estabelecidas com as informações que giram à volta desta edição discográfica, foi possível ligar eventos, entidades, obras, compositores que estão presentes na cena musical contemporânea, e para a qual o Ensemble DME também contribui.

4. Considerações finais

A fundação do Ensemble DME possibilitou dar voz às criações musicais contemporâneas e difundi-las por meio de concertos, *masterclasses*, atividades pedagógicas, palestras, ensaios abertos, edições discográficas, exposições e tertúlias. O trabalho que desenvolve em colaboração com outras entidades (organismos financiadores, associações promotoras de eventos, espaços equipados que acolhem as atividades, meios de comunicação) contribuiu para a dinâmica a cena musical.

O estudo de caso do Ensemble DME e a análise das atividades por ele desenvolvidas contribui para a compreensão deste agrupamento específico, mas também para a emergência de possíveis formas de funcionamento dos agrupamentos musicais dedicados ao repertório erudito contemporâneo no contexto português no início do século XXI. Simultaneamente, a triangulação de resultados obtidos da análise documental e das entrevistas semiestruturadas possibilitaram ter presentes os pontos de vista dos intervenientes sem comprometer a objetividade dos acontecimentos.

Assim, um estudo da vida musical erudita nossa contemporânea passa por considerar diversas perspetivas incluindo a dos intérpretes, proporcionando um maior entendimento da música deste período histórico.

Referências Bibliográficas

Barrett, G. D. (2021). Contemporary Art and the Problem of Music: Towards a Music Contemporary Art. *Twentieth-Century Music*, 18(2), 223-248. <https://doi.org/10.1017/S1478572220000626>

Ferreira, M. P. (2007). Trajectórias da música em Portugal no século XX: Escorço histórico preliminar. In: Ferreira, M. P. (ed.), *Dez Compositores Portugueses* (52). Dom Quixote.

Fesch, G. (2019). Os Impasses da música contemporânea estudo qualitativo pluriperspetivado em contexto de ensemble. Repositório Aberto da Faculdade de Letras da Unidade do Porto.

Festival DME. (n.d.). Dias de Música Electroacústica - 2 a 4 Junho 2006, <http://www.festival-dme.org/2007/03/dias-de-msica-electroacstica-2-4-junho.html>

Festival DME. (n.d.). Quem Somos: Equipa, <http://www.festival-dme.org/p/info.html>

Festival DME. (n.d.). DME 14 - João Pedro Oliveira, <http://www.festival-dme.org/2013/11/dme-14-joao-pedro-oliveira.html>

Festival DME. (n.d.). Festival Dias de Música Electroacústica #15 - Gerhard Stäbler, <http://www.festival-dme.org/2013/12/festival-dias-de-musica-electroacustica.html>

Festival DME. (n.d.). 120 anos de Música Electroacústica (para pessoas dos 0 aos 120 anos), <http://www.festival-dme.org/2019/04/120-anos-de-musica-electroacustica-para.html>

Nery, R. V., & Castro, P. F. (1991). História da Música. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Reed, D. & Reed, B. S. (2014). The emergence of learnables in music masterclasses. *Social Semiotics*, 24(4), 446-467. <https://doi.org/10.1080/10350330.2014.929391>

Silva, M. D. (2010). Música erudita. In: Castelo-Branco, S. (ed.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (866-867). Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Telles, A. (2011). La création musicale portugaise aujourd'hui. *Musicologies* 8, 71-85. ISSN 1767-5804.

Reference for this chapter:

Pires, M. I. (2022). O contributo do Ensemble DME para o dinamismo da cena musical contemporânea. Em Raposo D., Neves J., Silva R., Castilho, L.C. & Dias R. *Investigação e Ensino em Design e Música Vol. III (114-127). Coleção Convergências Research Books*. Edições IPCB. <http://doi.org/10.53681/2022.I02/02/12>